

Sobrevivência e narrativa: Uma perspectiva benjaminiana sobre *K: Relatos de uma busca*

Autora: Mariana Goulart do Amaral

Orientadora: Claudia Luiza Caimi

K: Relatos de uma busca

O centro da pesquisa se debruça no livro *K: Relatos de uma busca*, de Bernardo Kucinski. Nele, o autor coloca em questão a busca por uma desaparecida política no período da Ditadura Militar: Ana Rosa Kucinski. Ela, em K, é a filha, na história, é a irmã. Dessa maneira, em um processo doloroso e necessário, o autor, com sobrevivências e rastros, nos fala: “Caro leitor: tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu” (KUCINSKI, 2014, p.08).

Resquícios de sobrevivência

Para a análise da sobrevivência na narrativa, tenta-se observar as ‘sobre-vivências’ não apenas na perspectiva da história da arte, trazida por Warburg, como também em uma visão política em três elementos chave – materialidade, culpa e tensão pai-irmão.

Materialidade

Ao longo da narrativa, alguns elementos materiais e concretos podem se apresentar enquanto sobrevivência. O primeiro deles é o livro. Todas as vezes que o leitor abre as páginas, enxerga Ana Rosa e lê a sua história, ele faz viver novamente essa mulher. Porém, isso nunca se faz por completo, uma vez que ela é trazida enquanto personagem, pela visão do narrador, pela perspectiva de quem lê e por todos os elementos do aqui e do agora. Da mesma forma, ela sempre se mostrará enquanto fantasma e o livro como um sintoma. Soma-se a isso as reuniões das famílias dos desaparecidos políticos e as placas de ruas dadas com os seus nomes. São um resquício do que foi, são uma coisa-outra. Enxerga-se, de tal maneira, em uma rua que traz o nome de um desaparecido político, um rastro, que movimenta a lembrança, mas que nunca é capaz de manter vivo e inalterado aquele que foi desaparecido.

Culpa

Em um dos capítulos finais do livro, Kucinski fala sobre os sobreviventes. Nele o autor não traz uma perspectiva warburguiana, mas com o sentido mais simples daquele que resistiu ainda vivo ao trauma da Ditadura. Nesse trecho, surge a culpa dos que não tiveram o mesmo fim cruel de tantos outros. Enxergamos também essa culpa como um sintoma. Ela é o desvio, o resquício, o que se transformou das atrocidades e se resignificou nos que ainda não encontraram os seus mortos. Da mesma forma, ela é a presença de Ana Rosa em um irmão/pai que não é capaz de apagar a perda.

Tensão Pai – Irmão

Nessa narrativa, existe um afastamento do autor do seu lugar de irmão para se colocar enquanto um narrador em primeira pessoa que ocupa o papel de pai. Essa tensão se mostra como a maneira de formular o processo traumático tanto da perda quanto da vida. Pensa-se que, enquanto o virar de páginas acontece, não sobrevive apenas a desaparecida política, sobrevive também aquele que narra, aquele que rememora, que teve uma experiência, uma vez que ele – que se viu diante de uma experiência radical de morte – vive ou, melhor, sobre-vive as memórias de um passado. De tal maneira, também esse recurso de mudança de posição é, sintoma e sobrevivência.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e lembrança*. São Paulo: Ed. 34, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. *K: O relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.